



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no III  
Fórum Social Mundial**

**Anfiteatro Pôr do Sol – Porto Alegre – RS, 24 de janeiro de 2003**

Será que seria pedir demais que os nossos companheiros enrolassem as suas bandeiras só uns dez minutos, para que a gente possa ver as pessoas de trás e as de trás possam ver a gente?

Vocês sabem que uma das coisas que eu mais admiro é um militante, de qualquer organização, que vai para a rua com a sua bandeira. Eu acho uma coisa fantástica e inusitada. Eu só estou pedindo. Faz tempo que eu não vejo vocês, faz tempo que vocês não me vêem, e eu acho que enrolar a bandeira cinco minutos não pesa nada para nenhum companheiro.

Eu quero, em primeiro lugar, dizer para vocês que é uma alegria maior do que a que o meu coração comporta, estar, outra vez, participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza, que é este Fórum Social Mundial.

Da outra vez que participei aqui, fui fazer um debate cujo tema destinado para eu falar era “Um outro Brasil é possível”. E me lembro que, naquele instante, eu não tinha nem certeza de que seria candidato a Presidente da República. E, hoje, ao participar deste Fórum, eu participo na condição de funcionário público número 1 do meu país.

Quero agradecer à Direção deste evento. Eu sei que não é fácil, sei do sacrifício que vocês estão fazendo para ter essa organização, sei do cuidado que vocês têm com a segurança.

Eu, agora mesmo, estou falando aqui, em português, e deve haver companheiro aí, francês, inglês, deve haver gente da China, da Índia, que não está entendendo nada do que estou falando.

Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são



peessoas que acreditam no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos, que vão entender cada palavra que eu falar.

Quero agradecer, aqui, aos companheiros dirigentes do Fórum, aos ministros, mas, sobretudo, ao povo do mundo inteiro que, sem medir sacrifício, veio aqui, às vezes sem ter o direito de falar, a oportunidade de falar, mas veio aqui só para dizer: “Eu existo como ser humano. E eu quero ser respeitado como tal.”

Eu sempre disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito Presidente da República, era ver se eu conseguiria atender às minhas próprias reivindicações. Eu sou um homem que fez muitas reivindicações no Brasil. Eu exigi muito de cada Governo que passou aqui, antes de mim, como muitos de vocês exigem, nos seus países.

E o meu desejo de ser Presidente da República era o de saber se, eleito Presidente, serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações.

Portanto, não tenho que me preocupar com aquilo que possíveis adversários vierem a falar. Tenho que saber que, ao longo da história, o movimento social brasileiro, o movimento sindical brasileiro, os partidos políticos no Brasil, as Igrejas no Brasil, as ONGs no Brasil, acumularam muita experiência e, junto com essa experiência acumulada, têm propostas, têm reivindicações, têm coisas extraordinárias apresentadas. E eu, agora, tenho quatro anos para, com muita tranquilidade, a gente possa atender, senão todas, aquelas que tivermos capacidade e condições de atender.

Continuo com o meu sonho de fazer a reforma agrária neste país. Continuo com o meu sonho de garantir uma escola pública de boa qualidade para o nosso povo; e que a Universidade não seja um privilégio de apenas 8% da sociedade, mas que seja um direito ao alcance de todos.

Continuo sonhando com a possibilidade de fazer uma política de saúde, em que nenhum pobre morra mais na porta do hospital por falta de atendimento médico ou por falta de assistência.



Continuo sonhando em construir uma sociedade justa, solidária, fraterna, onde o resultado da riqueza produzida no país seja distribuído de forma mais equânime para todos os filhos deste país.

Entretanto, também aprendi, ao longo da minha trajetória política – e aprendi com vocês –, que o técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, mas aquele que termina ganhando o jogo que nos propusemos jogar.

Tenho quatro anos de Governo para, de forma tranqüila e serena, ir fazendo as coisas que têm que ser feitas neste país. Quero fazer o Governo mais honesto que já houve na história deste país, o Governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade.

Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos. Na hora em que puder fazer, faremos. Mas, na hora em que não der para fazer, com a mesma serenidade e com o mesmo carinho, quero dizer: companheiro, não dá para fazer. E tenho certeza de que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso Governo.

E por que vou agir assim? Vou agir assim porque tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram, que está nas costas dos meus ministros e que está, sobretudo, nas minhas costas. Embora tenha sido eleito Presidente do Brasil, tenho a nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e, sobretudo, para a esquerda na América Latina.

Eu me levanto todo dia, pela manhã, e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas. Porque qualquer governo, em qualquer país do mundo, pode errar e não acontecerá nada, porque é muito normal que os governantes errem. Mas eu não posso errar. E não posso errar porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha



inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002.

Eu sei a expectativa que estou gerando nas mulheres, nos homens e nas crianças. Eu nunca vi, na história do Brasil, tanta expectativa, tanta esperança e tanta gente pedindo a Deus para a gente acertar. E tanta gente pedindo, não emprego, mas dizendo para mim: “Lula, como é que eu faço para ajudar o nosso Governo a dar certo?”

É essa força da sociedade, e é exatamente esse capital político que fez com que a gente pudesse terminar a eleição e gritasse bem alto: “A esperança finalmente venceu o medo.”

Eu já estive na Argentina, já estive no Chile, já estive no Equador, e sei da expectativa que a América do Sul tem no Governo brasileiro. Eu sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro têm no sucesso do nosso Governo. É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, e eu volto a afirmar: nós esperamos tanto para ganhar, nós perdemos tanto, sofremos tanto, tanta gente morreu antes de nós, tentando chegar lá, que, por esse acúmulo de compromissos, quero olhar na cara de cada um de vocês e dizer: “Eu não vou errar e vou fazer um Governo voltado para os pobres deste país.”

Eu sempre disse aos companheiros que organizam o Fórum Social Mundial que era preciso transformar o Fórum num instrumento, primeiro que não fosse dependente de nenhum partido político; segundo, que não fosse utilizado por ninguém.

Quando fui convidado a vir aqui, eu ainda disse aos companheiros: “É preciso que vocês pensem se eu devo ir ao Fórum Social Mundial, porque eu serei o primeiro Presidente.” E me disseram: “Lula, você pode ir, porque você é anfitrião do III Fórum Social Mundial.” Mas, hoje, já me comprometi publicamente, porque um companheiro da Índia, onde vai ser a próxima sede do Fórum Social Mundial, perguntou a mim, numa reunião que fiz com a Direção mundial do Fórum, se eu iria, no ano que vem, à Índia. Eu disse a ele:



vou à Índia. Se for necessário, vou à China e, se for necessário, vou aonde me convidarem, porque sou obra e resultado do trabalho que vocês fizeram ao longo de todos esses anos. E, portanto, acho que não apenas eu, acho que outros governantes deveriam ir ao Fórum Social para ver o que pensa o povo, o que deseja o povo e como o povo quer que as coisas aconteçam.

Qual é a novidade? Qual é a novidade deste ano? É que este ano, por causa de vocês e por causa do Fórum Social Mundial, fui convidado a ir a Davos. Se não fossem vocês, eu não seria convidado. E, aí, lembrei de uma coisa: quando comecei minha vida sindical, os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam para mim: “Lula, não entres no movimento sindical, porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da “Carta di Lavoro”, de Mussolini e, se tu entras no sindicato, vais virar um pelego e não vais conseguir fazer nada.” Eu entrei no sindicato e, em três anos, nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro, que hoje é um dos mais importantes do mundo.

Em 1979, estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas e eu inventei de criar um partido. Aí, aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra, porque na liberdade política deles não se pressupunha a criação de um partido político. E havia quem dissesse para mim: “Olhe, no Brasil não cabe um partido como o PT. Esse negócio de dizer que Partido de Trabalhadores pode ser criado, que metalúrgico vai dirigir partido, isso é coisa do passado. Não há, na sociologia brasileira ou mundial, exemplo disso.” Pois bem, nós fomos teimosos e criamos um partido, que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina.

Agora, lembro de uma coisa que vou contar para vocês: em 1978, entramos em greve no ABC e o Presidente da Federação das Indústrias correu ao II Exército para dizer ao general Dilermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. Possivelmente, se pertencesse a uma organização política mais tradicional, eu teria arrumado a



mala e teria ido para outro lugar, ficar uma semana, até a poeira baixar. Como eu era mais inocente politicamente, peguei um telefone e liguei para o comandante do II Exército e falei: “General Dilermando, estou vendo nos jornais que o senhor convidou o Presidente da FIESP, para atender à FIESP. Sou Presidente dos trabalhadores. Eu quero ir falar com o senhor.” E ele me recebeu durante três horas.

Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio, falei: o que vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão: sou Presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou Presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não consomem as calorias e as proteínas necessárias. Sou Presidente de um país que tem história e que tem um povo. E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século, que um torneio mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto, tomei a decisão.

Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia, e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o mundo está precisando de compreensão.

Eu acho que nós temos o que fazer no mundo. O que a gente não pode



é ficar preso dentro do nosso mundo, achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

Eu dizia, hoje: isso é mais ou menos como numa família em que, de repente, aparece um filho metido em drogas e, ao invés de o pai e a mãe discutirem com o filho e saberem onde é que está o defeito, começam a culpar a escola, começam a culpar o vizinho, começam a culpar a namorada; ao invés de sentarem e olharem para dentro do pai e da mãe e perguntarem a si mesmos: “O que nós deixamos de fazer, para que o nosso filho não fosse drogado?”.

Nós somos pobres. Uma parte pode ser culpa dos países ricos. Mas outra pode ser culpa de uma parte da elite do continente sul-americano, que governou de forma subserviente, que governou de forma subalterna este país, praticando os casos mais absurdos de corrupção.

Só na América Latina, nos últimos anos, quatro governantes: Collor, no Brasil; Fujimori, no Peru; Menem, na Argentina e Salinas, no México, saíram por terem praticado verdadeira roubalheira em seus países. E isso não pode continuar acontecendo. Não podem os países ricos querer ajudar os países pobres aceitando depósito ou lavagem de dinheiro de quem rouba dos países pobres.

Eu me lembro que, uma vez, havia um presidente do Zaire, chamado Mobuto. E eu me lembro que, na época, a denúncia era que ele tinha 8 bilhões de dólares depositados num país da Europa, e o seu povo estava passando fome.

Se os países ricos querem contribuir, que eles não aceitem dinheiro do narcotráfico, do crime organizado. E que não aceitem dinheiro dos países onde os governantes praticaram verdadeiros roubos; que devolvam esse dinheiro para ajudar o seu povo.

Eu quero terminar dizendo para vocês uma coisa. Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é



o de que podem ter a certeza – como a certeza e a fé que vocês têm em Deus –, para quem é cristão: eu posso cometer algum erro, mas jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país.

Eu quero poder, a cada mês, a cada ano, olhar na cara de cada criança, de cada mulher, de cada homem e dizer: “Nós estamos construindo uma nova Nação. Nós estamos construindo um novo país.”

E teimo em dizer, todo santo dia: eu hei de realizar um sonho, que não é só meu, mas um sonho que é de todos vocês: que haverá um dia, neste país, onde nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida e nenhuma criança acordará sem um café da manhã.

Haverá o dia em que, neste país, as pessoas poderão morrer, porque nascemos para morrer, mas ninguém morrerá de desnutrição, como muitos morrem hoje. Chega um dia em que a gente tem que ter a consciência de que este país que eu sonho e que vocês sonham pode ser construído. Depende da nossa disposição de fazê-lo. Depende da nossa coragem. Depende da nossa disposição.

E estou aqui para dizer a vocês: meus companheiros e minhas companheiras do III Fórum Social Mundial, haja o que houver, aconteça o que acontecer, tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo que me elegeu Presidente da República deste país.

Governar é como uma maratona. Você não pode começar a 80 por hora, porque o seu fôlego pode acabar na primeira esquina. Você tem que dar passos sólidos, concretos, para que possa terminar o Governo com a certeza do dever cumprido. E quero poder dizer ao mundo: como seria bom, como seria maravilhoso se, ao invés de os países ricos produzirem e gastarem dinheiro com tantas armas, gastassem dinheiro com pão, com feijão e com arroz, para matar a fome do povo.

Fico imaginando quantos bilhões e bilhões de dólares se gastam com a





guerra. Soldado matando soldado. Soldado matando inocente e, próximo de nós, crianças levantando os olhos e mendigando um prato de comida, que muitas vezes se joga fora e não se dá para essa criança.

Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, quero que vocês, que são brasileiros, e vocês que não são brasileiros, mas que estão aqui, quero que tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não lhes faltarei. Não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer. E espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo, para que a gente possa, de uma vez por todas, começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, que tenham mais compromisso, que acreditem que é possível a gente mudar a história da Humanidade.

O nosso país, durante 500 anos, ficou olhando para a Europa. Está na hora de olhar para a África e para a América do Sul. Está na hora de se estabelecer novas parcerias, para que a gente possa ser mais independente, fortalecer o Mercosul e estabelecer uma força política para negociar. Não podemos aceitar o que está acontecendo durante 40 anos, o bloqueio a Cuba. Não podemos aceitar que países sejam marginalizados durante séculos e séculos. E não podemos aceitar que o Brasil, do tamanho que é, continue, a cada ano que passa, sendo um país que apresenta maior índice de pobreza e miserabilidade.

Por isso, não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar de vir aqui e dizer a vocês: valeu a pena, gente. E vai valer muito mais a pena, quando a gente estiver no último dia de Governo e puder provar, com dados sobre dados, que fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos, neste país.

Quero me despedir de vocês, quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: pelo amor de Deus, não desistam, porque vocês conseguiram, em três anos, construir uma das



coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu.

Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha antes de existir o Fórum Social Mundial. A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais.

Vocês conseguiram um espaço na história. A imprensa, que começou, no I Fórum, a dizer que era um “encontro de esquerdistas”, a dizer que era um “encontro dos malucos do mundo”, hoje reconhece, em todas as primeiras páginas dos jornais: o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na história contemporânea.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, de forma decisiva, para que a gente mude a história da Humanidade.

Muito obrigado e até à vitória, se Deus quiser, companheiros!

/mcpro/lrj